

HUGO LEONARDO FERREIRA NASCIMENTO

Universidade Católica de Pernambuco

RECIFE NO MÊS DE JUNHO:
O CICLO JUNINO NA CIDADE, SUAS FESTAS E QUADRILHAS.

RECIFE/2008

APRESENTAÇÃO

Esse trabalho tem como efeito refletir o universo das quadrilhas juninas onde vemos que a tradição aparece com um conjunto de conteúdos simbólicos representados por determinadas características estéticas à quadrilha matuta. No entanto, enquanto categoria própria, ela não dá conta de mostrar que tais conteúdos são resultados de um processo de escolha do que deve ou não estar contido, nem tampouco, as tensões que permeiam este trabalho.

No século XX, os ideais de modernidade e urbanização impulsionaram o intenso processo migratório campo-cidade. Por sua vez, a quadrilha chega aos centros urbanos participando da construção da imagem da cidade como sinônimo de processo, modernização e saber, através da caricatura do homem do campo e da vida rural. Essa é a quadrilha matuta¹, reconhecida e legitimada como portadora da tradição.

¹ A quadrilha matuta fica conhecida como tradicional e ocupa espaço nos meios urbanos. Reproduz as vestes e os trejeitos do homem rural e associa o casamento matuto como representação dramática. Segundo o pesquisador Roberto Benjamin, vai se transformando em um folguedo de natureza complexa. Naturalmente, o processo de urbanização da dança trouxe novas tendências. Os instrumentos antes utilizados (zabumba, triângulo e sanfona) foram substituídos por eletrônicos, os requebros tornam-se mais livres e sensuais. As vestes vão rever veludos, sedas e modelos do tempo do império. (LÉLIS, 2004).

ORIGEM DAS QUADRILHAS JUNINAS

Existem diversas teses que explicam a importância das Festas Juninas no Nordeste. A mais aceita é que essas festas, que têm origem nos países católicos da Europa, e homenageiam alguns dos santos mais populares do catolicismo: Santo Antônio, São Pedro e São João.

Hoje, quando falamos em nordeste brasileiro, culturalmente, fica difícil separá-lo do evento Quadrilha Junina. Essa dança, que tem suas origens nas velhas danças populares das áreas rurais da França (Normandia) e Inglaterra, saiu da Europa e veio para o Brasil no início do século XIX, passando a ser uma dança da corte brasileira, dos seus nobres, dos membros da elite imperial, nos seus bailes.

Na composição das Festas Juninas temos, de origem francesa, a dança marcada, característica peculiar das danças nobres; das cortes reais. No Brasil, se torna conhecida através da corte real portuguesa que chegou em 1808 fugindo das “turbulências” que aconteciam na Europa. Já a prática de soltar fogos de artifício originou-se na China, região de onde teria surgido a manipulação da pólvora para a fabricação de fogos. “E neste ano, como todo ano uma vez por ano tem quadrilha no arraial. E neste ano, como sempre salvo chuva e salvo engano, a satisfação é geral. Não me leve a mal. Não me leve a mal” (Chico Buarque).

Observamos que a linguagem francesa, para os comandos da dança, não se perde totalmente, mistura-se à linguagem do matuto, que nela coloca o seu DNA cultural: por exemplo, anavantur (em avant tout) - anarriê (em derrière) - balancê (balancer) - travessê de cavalheiros (traverser).

A Quadrilha pode ser também interpretada como uma forma de protesto às autoridades e seu moralismo, uma vez que observamos que tem no seu tema o casamento matuto, com o quebrar das normas morais e legais da época, impostas pelas autoridades constituídas desde tempos antigos. A Igreja, o senhor “feudal” e o Estado são agentes coercitivos no cumprimento dessas normas que muitas vezes só exercia sua força nas camadas menos favorecidas.

Os festejos juninos são comemorados em todo o Brasil, mas só aqui, no Nordeste, é que essas festas têm influências maiores na população local, tornam-se festas de grandes expressões, nas quais os Santos Juninos são homenageados. A festa, a princípio, servia de agradecimento do povo para com os Santos, por conta da boa colheita do milho e das chuvas, que são raras no sertão:

No Brasil, os grupos da Elite imperial, mantém vivo o costume da dança que se populariza no período Regencial, ao comando de grandes mestres do gênero, como Milliet e Cavalier, que tocavam as músicas de Musard, o “pai das quadrilhas”, e Tolbecque. (CASCUDO, 2001).

UMA LEITURA URBANA

Partindo do princípio da comemoração do casamento matuto, a festa da quadrilha se origina justamente no interior dos estados nordestinos, imitando as danças da Corte Real, que já foi explicado neste trabalho. A quadrilha toma, ao passar dos anos, quando os imigrantes saem da região rural para trabalhar na área urbana do Estado, uma forma de manifestação cultural com os seus coloridos na roupa, adereços e coreografias, ferramentas-chaves para a formação da Quadrilha Junina urbana, renovando a quadrilha matuta e resgatando o luxo dos vestuários, assemelhando com as indumentárias da Corte.

O processo migratório campo-cidade traz a quadrilha “matuta” para os centros urbanos, e transporta a idéia de uma dança de origem caipira, com a figura do matuto com o chapéu de palha, camisa xadrez, bigode, dente pintado de preto e calça remendada, e as mulheres com vestidos estampados, alguns remendados e cabelos arrumados em formato de tranças. Personagens exóticos, que reforçam os preconceitos e estereótipo sobre a vida rural, numa caracterização exagerada. (GONZAGA, 1987).

Essa forma caricatural de ver a quadrilha esbarra com a dinâmica de tempo histórico e com o contexto sociocultural do Nordeste, particularmente do Recife, que apresenta um novo modelo para o brinquedo, modificado esteticamente e no próprio conteúdo da manifestação.

Na região urbana, a quadrilha tem uma leitura peculiar, são as chamadas quadrilhas estilizadas, que trazem para Pernambuco um grande número de turistas. Na região de metropolitana de Recife, há os concursos públicos que premiam as quadrilhas campeãs dos seus devidos concursos. Tendo, às vezes, prêmios em dinheiro do valor de R\$ 12.000,00, como é o caso do Concurso de Quadrilha Junina do Sítio da Trindade, Casa Amarela – Recife. E são graças a esses concursos que as quadrilhas vão ganhando dinheiro, de acordo com suas competências, pagam suas dívidas (vestuários; costureira; ônibus, para o transporte dos componentes para os concursos etc.), e com seus excedentes, investem na produção do próximo ano, vindo com o trabalho mais produzido, qualificado à nível da Broadway.

Segundo o historiador Hugo Menezes, a partir dos anos 1980, o Recife vivencia um período marcado pelas continuidades e mudanças. “é a época em que saem às ruas as primeiras quadrilhas estilizadas”². Quadrilhas diferentes que aos poucos abandonam a

² No sentido de dar estilo próprio. “O que ficou conhecido como estilizado dá lugar ao recriado, que assume cada vez mais as tendências urbanas e as novas linguagens artísticas. A quadrilha assume o papel de espetáculo de dança e teatro. A presença do tema, como

representação caricatural recorrendo a uma leitura das vestes comuns à época da corte, preocupando-se sempre com a junção de elementos representativos da cultura nordestina. A musicalidade incorpora novos ritmos, algumas vezes fugindo do gênero forró; as coreografias passam a ser ensaiadas e executadas de acordo com a música, não dependendo mais das ordens do marcador. Foi um momento laboratorial, de permissão para experimentar cores, músicas, formas e ações, exercitar a criatividade e expor a dinamicidade das culturas populares, com várias formas de ser e fazer.

Presos a uma criação imagética e discursiva de vertentes folclóricas, os “saudosistas” clamam pelo respeito às origens das quadrilhas juninas e outros, tentando imprimir a idéia do novo, como inovação e não como “quebra da tradição”, defendem o seu ponto de vista, afirmando que a redefinição colabora para que as quadrilhas juninas continuem a ser as principais atrações das festas juninas. (LIMA, 2002:129).

Na cidade do Recife, encontramos diversos grupos que fazem parte desta festa junina, são as chamadas quadrilhas estilizadas que promovem verdadeiros espetáculos. São montadas em diversas comunidades em todo o Estado, tirando os adolescentes da ociosidade e, até mesmo, do mundo perverso das drogas. A Fundação de Cultura da Prefeitura de Recife, por exemplo, investiu esse ano cerca de 208 milhões de reais nos festejos Juninos da Cidade, que repercutiu também nas quadrilhas. É pago a todos os grupos, quadrilhas juninas, uma espécie de cachê para fazerem suas apresentações nas comunidades carentes de todo o Recife, Bairros onde não são montados arraiais para concursos dos mesmos.

Os integrantes que fazem parte de uma quadrilha junina, comumente chamados de quadrilheiros, têm origens diversas. Pertencem a diferentes comunidades e níveis sociais. Alguns trabalham, estudam; outros trabalham e estudam; muitos se encontram desempregados.

Diferentes na cor, no credo, no gênero e na faixa etária, os quadrilheiros encontram no fazer quadrilha, o principal ponto de convergência. Unidos pelos laços de parentesco, compadrio, amizade e vizinhança, a aproximação entre eles ocorre principalmente durante os ensaios, nas reuniões, onde se instala um clima de intimidade entre os participantes, o que facilita um maior contato; mesmo sendo de comunidades diferentes.

ponte forte do espetáculo, ao contrário de distanciar o brinqueado das suas origens, é um momento de retorno, em que os grupos se voltam para a pesquisa de traços da cultura popular nordestina. Revisitam os elementos que compõem o ciclo junino, prestam homenagens aos personagens da nossa história e representam de um modo novo e por meio da arte, a percepção do universo em que vivemos” (LÉLIS, 2004). As vestes vão rever veludos, sedas e modelos do tempo do império. A primeira quadrilha estilizada em Recife foi “Pelo Avesso”, do Bairro do Ibura, em 1982.

Nas sedes, nos galpões, nas escolas, nas casas dos representantes ou até mesmo na rua, os encontros que se iniciam semanais e terminam diários, fortalecem o vínculo entre os integrantes da quadrilha. É o lugar onde comungam símbolos, valores e experiências, conhecem e reconhecem pessoas, utilizam vocabulário, datas e eventos particulares, recriam uma identidade peculiar com relações embasadas na cooperação, amizade e lealdade. (MENEZES NETO, 2007).

RELAÇÃO PRESENTE E PASSADO

Todas as quadrilhas, que concorrem aos prêmios em dinheiro nos arraiais, são obrigados, seja por esses arraiais ou pela própria Fundação de Cultura do Recife, a colocar nas suas coreografias contemporâneas antigos passos tradicionais, como anarriê; anavantur; o túnel e entre outros. O concurso pernambucano de quadrilha junina exige pelo menos cinco desses passos, e uma diversidade de música que englobe o Forró como o xote, o baião, a ciranda e a dança do Coco. Então, a tradição da quadrilha matuta, continua presente nos grupos juninos, seja de forma obrigatória ou não, mas que nos é presente uma parte do passado no meio de tanta modernidade e criatividade dessas quadrilhas que fazem o São João do Nordeste e do Brasil.

A quadrilha junina Lumiar, por exemplo, foi fundada no Bairro do Pina em Recife no dia 08 de Março de 1994, sendo a princípio uma quadrilha não de competição (que só se limitava as apresentações no seu bairro), mas foi a partir de 1995 que a quadrilha inicia sua fase de competitiva. A Lumiar guarda nas suas origens o jeito ousado de fazer quadrilha, através dos seus artistas, que em outros horários trabalham no meio artístico, sejam atores, atrizes, maquiadores, coreógrafos, artistas plásticos e etc. buscam numa ajuda mútua a perfeição e a cada ano sendo superado e servindo de expiração, algumas vezes, para futuros trabalhos de outros grupos.

Até hoje essa peculiaridade é presente na Lumiar, sendo hoje liderado por então ator e diretor de teatro, Fábio Andrade. A Lumiar busca com ajuda dos seus componentes, que chega a 140 pessoas em 2008, formar um novo trabalho que a cada ano é renovado, destacando-se nos concursos e se tornando, como é chamada pelos quadrilheiros pernambucanos, a “mãe das quadrilhas” por ser dona dos maiores número de títulos.

Os ensaios da Lumiar começam no mês de Setembro do ano que antecede o espetáculo produzido; por exemplo: a Lumiar montou seu espetáculo 2008, mas começou toda a produção³; ensaios; vestuários e adereços, no ano passado, em 2007. Os ensaios acontecem sempre aos domingos as 15horas, mas quando se aproxima do mês de São João, o grupo se reúne também aos sábados, reforçando o número de ensaios para fazer os últimos ajustes na produção e limpeza nas coreografias. A ansiedade é presente a cada componente, que na sua maioria, é experiente e que dançam quadrilha desde os anos 80.

³ A produção é tudo que compõe o espetáculo da quadrilha, são os adereços da cidade cenográfica da quadrilha, por exemplo, ou outra informação de acordo com o tema trabalhado.

É no ano 1999 que a Lumiar renova no meio Junino, com as saias em bambolê, e se torna uma das grandes quadrilhas no meio do ciclo pernambucano, neste ano, torna-se campeã do SESC de Santo Amaro (um dos concursos de grande respeito) e do Concurso da REDE GLOBO NORDESTE. Com essas vitórias torna-se referência em todo o meio Junino. Sendo imitada por outras quadrilhas, que até hoje, utilizam de idéias, alguns grupos, que foram produzidas pela Lumiar.

E para entender todo esse processo, não há livros, jornais ou periódicos que passem tudo que há dentro das quadrilhas, nos seus bastidores. O público tem uma visão muito pequena do que é quadrilha realmente, mas ver o suficiente para se encantar da maravilha que esse grupo faz dentro de um Arraial.

De modo geral, as quadrilhas juninas organizam-se a partir da liderança de uma diretoria. Os diretores têm o poder de definir os papéis e funções a serem exercidas pelos demais componentes, que passam inclusive, pela escolha das posições ocupadas dentro da estrutura dramática da quadrilha. Ou seja, participação dos componentes é submetida à diretoria e se constitui também por relações hierárquicas.

Dentro da referida estrutura dramática existem personagens que se sobressaem ao conjunto e se vestem de forma diferente dos outros componentes (os matutos), apresentando-se no que os quadrilheiros chamam de “primeira fileira” ou “linha de frente” de uma quadrilha, são os destaques. Os mais importantes são: noivos, rei e rainha do milho, príncipe e princesa do milho e o Lampião e a Maria Bonita. A escolha de quem vai ocupar essas posições é feita pela diretoria.

CONCLUSÃO

Com tudo isto, podemos dizer que hoje a Quadrilha Junina importante à cultura nordestina de forma legítima, de direito e de fato. De direito, porque foi incorporada, adotada pelo nosso povo e de fato, quando ainda hoje, temos essa expressão cultural atuando e mesmo se modernizando em algumas regiões, trazendo em si lembranças e traços do povo nordestino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.

GONZAGA, Lula. Quadrilha. In: PESSOA, Silvio (org.). **Ciclo Junino**. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 1987.

LÉLIS, Carmem. **São João: Manifestação de Fé, Celebração da Alegria**. Recife: Secretaria de Educação de Pernambuco, 2004.

LIMA, Elizabete Christina. **A fábrica dos sonhos**: a invenção da festa junina no espaço urbano. João Pessoa: Idéia, 2002.

MENEZES NETO, Hugo. **Quadrilha junina**: uma abordagem antropológica. (texto apresentado no II Seminário de Quadrilha Junina). Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.